

Mario Pacheco

# DÁLIAS

LISBOA, 1914



As Senhoras  
Carvalho Moura

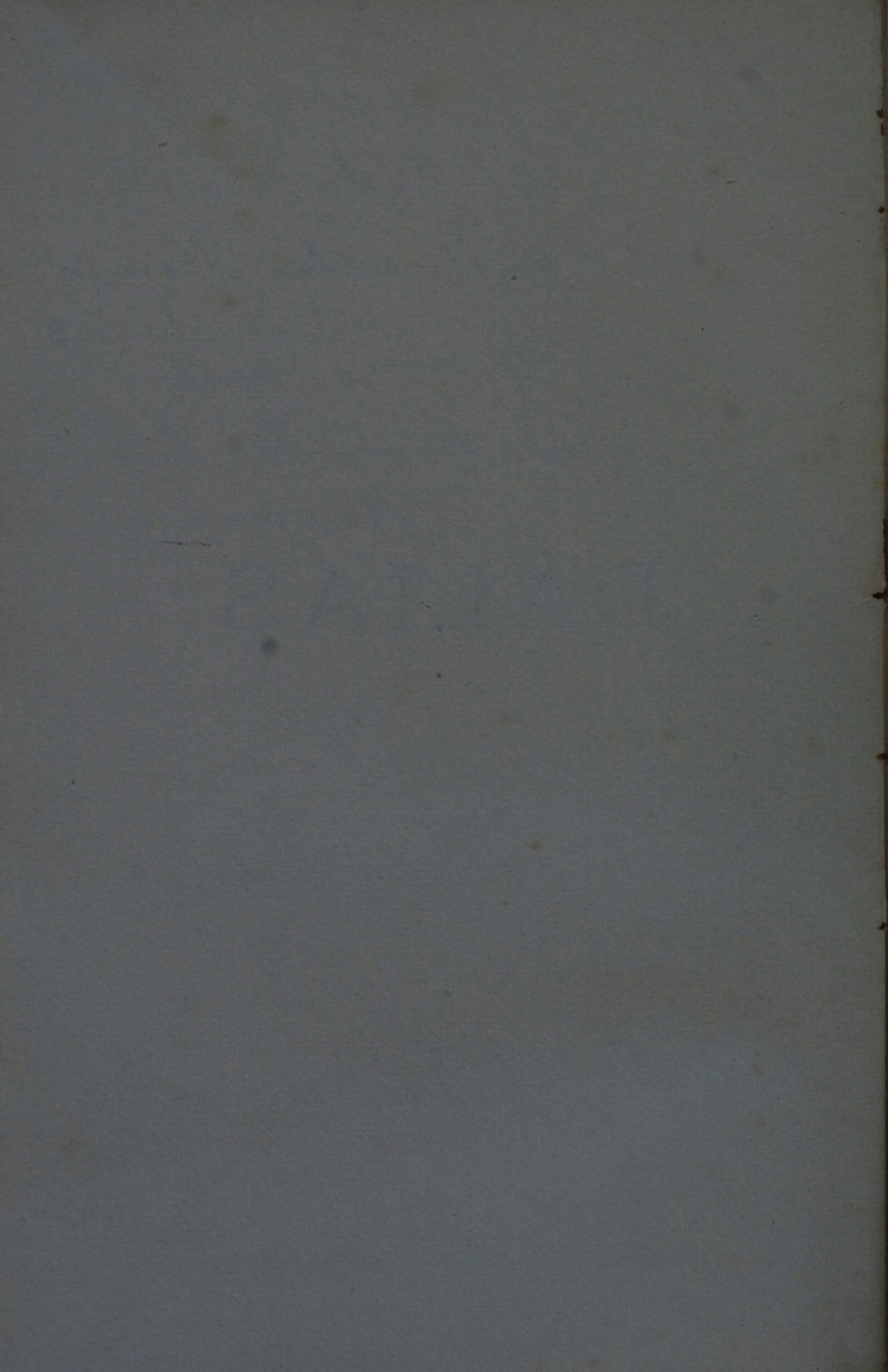
Meus directores  
da Revista Literaria  
"A uascuña"

DÁLIAS

M.

Mario Pacheco

Litua, março de  
1914.





Mario Pacheco

# DÁLIAS

Propriedade e edição do autor  
Deposito : — CENTRO DE PUBLICIDADE  
Rua Augusta, 240 - 1.º

IMPRESA AFRICANA

58 — Rua de S. Julião — 60

LISBOA

A Ti

*Estas dalias do meu jardim de sonho*

MARIO

П. В.

Содержание

1. Введение

2. Заключение



SONETOS D'AMOR



## Aspiração

Quantos cantaram já a vida sua!  
E nos disseram já a sua dôr!  
Quantos sonharam um divino amor  
Às horas do silencio, sob a lua.

Quanta ilusão a ventania crua,  
Com dedos de loucura e de clamor,  
Roubou às almas plenas de esplendor  
E a vida lhes tornou sombria e nua.

Quantos á arte foram já pedir  
As asas gloriosas p'ra subir  
Ao ceu que tenta a alma dolorida.

E ainda eu não sou o ultimo que grito,  
E elevo o coração ao infinito,  
E sonho o sonho biblico da vida!

## Amorosa

De marmore silente não te quero !  
Marmore de serena formosura ;  
Amorosa, radiosa de ventura  
E' que eu te vejo em sonho e que eu te espero.

Vem ! No meu peito ha musicas ardentes,  
Ha hinos triunfaes de vida inquieta ;  
A minha mão nervosa de poeta  
Corôa-te de rosas rescendentes !

Vem ! com o teu sorriso mais celeste  
E com o teu olhar mais infinito,  
Como o primeiro olhar que tu me déste.

De marmore silente não te vejo !  
Toda a beleza tua é só granito,  
Sem o encanto imortal do teu desejo !



## Alegria

Na musical agitação das ondas,  
No verde ritmo da floresta altiva,  
Eu sinto cada vez mais bela e viva  
A Vida que tu, alma inquieta, sondas.

Deixa a treva lendaria dos misterios  
Para que em treva a tua luz não fique ;  
Que importa a Deus que o teu saber duplique,  
Se é sempre nada, ante esses ceus etereos.

Sobe com asas claras sobre a Vida :  
Como um viajante sobe a alto monte  
Na aspiração ideal dum horizonte !

Sobe nesta ansiedade indefenida  
De amor e de alegria e de beleza !  
Deixa na treva a noute da tristeza...



## Clarão

Amor, a tua graça, os teus encantos,  
São a graça da Vida que me enleva!  
E sem o teu clarão, ela era treva,  
E era tristeza em meus nocturnos cantos.

Por ti, a vida é o meu sonho enorme!  
Por ti, a morte a minha dôr suprema!  
Em teus cabelos brilha um diadema,  
E nos teus olhos o ceu claro dorme.

Ó doce companheira do meu sêr,  
Do meu sonho de lar a resplender,  
Do meu divino pensamento em Deus.

Amor, a tua graça alinda o mundo!  
O sol é para mim um deus jocundo:  
Sorri á terra, no esplendor dos ceus!

## Vida suave

Se as horas fossem todas tão doiradas,  
Como estas que num sonho tu me dás;  
Horas cheias de amor e enlevo e paz,  
Que ficam para mim eternizadas :

A Vida tinha a côr da Primavera ;  
Seria branda a curva azul do ceu ;  
Rindo floria todo o escuro ilheu  
No tranquilo oceano da quimera.

Cantavam fontes pelo ameno val ;  
Onde cresciam d'antes flor's do mal,  
O sol beijava agora ingenuas rosas.

E Deus era Senhor da Natureza ;  
Suspenso havia um sonho de beleza,  
Divinizando e renascendo as cousas !

## Noite de maio

Ó ceu de maio, perfumado e brando,  
Ó noite de doçura portugêsa!  
Estrelas tão irmãs pela beleza  
Da estrela que me vive iluminando.

Sonhos das rosas brancas, ao luar;  
Místicos longes de penumbra azul;  
Ó paisagem dulcíssima do sul  
Embalada p'la musica do mar...

Ó noite! Como em teu encanto eu vivo!  
Eu sonho! Eu rezo! Eu sou contemplativo,  
Alando-me saudoso á luz que outrora fui!...

E eu oiço vozes pelo azul silente...  
O vago é uma lira ideal, dormente,  
Que o meu sonhar embala e o meu sofrer dilue...

## Despedida

Inclina a tua fulgida cabeça  
Sobre o meu peito a arfar de mocidade!  
Dá uns instantes só de suavidade  
Ao coração que pulsa tão depressa.

Como queres, amor, que me despeça,  
Se sei que os dias roxos de saudade  
São uma verdadeira eternidade,  
E sei que te amo p'ra que não te esqueça?

Mergulha fundo o teu olhar no meu :  
Preciso que esse azul que me enebria  
Me entorne n'alma toda a luz do ceu !

Não fales : dá-me esse sorriso triste ;  
A tua voz agora não diria  
A dôr que esconde o riso que sorriste.



## Em pleno azul

À mesma hora, talvez no mesmo instante  
Em que eu junto do lago do jardim,  
Ao ceu cinzento, de ignorado fim,  
Levanto os olhos num sonhar d'amante ;

De longe o meu amor, pensando em mim,  
Saudosamente o doce olhar levante  
Ao mesmo ceu, crepuscular, distante  
Onde já sobe a lua de carmim.

Talvez os nossos olhos de saudade  
Divaguem pelo ceu, na ansiedade  
Dum beijo luminoso e silencioso...

E o nosso olhar se encontre em pleno azul,  
No embalsamado ar do nosso sul,  
No seio branco do luar formoso !



## A floresta

Foste de novo, minha doce amiga,  
Com os teus olhos cheios de saudade,  
Num dia de amorosa suavidade  
Passar, sonhar, pela floresta antiga.

E no ramo dum álamo beijaste,  
Com a saudade toda do teu peito,  
As letras do meu nome que foi feito  
Para a tua alma, como tu sonhaste !

Hora divina aquela em que eu passei  
Nessa floresta e alegre imaginei  
O encanto do teu beijo no meu nome ;

E ao gravá-lo no claro tronco altivo,  
Soube esquecer que o tempo fugitivo  
Florestas e paixões... tudo consome...

## Culto da casa

A minha mãe

Não fujo á tua casa, ó minha mãe;  
Tenho-lhe amor! Eu vivo nela ha tanto!  
Se quero um ninho meu, feito d'encanto,  
Recordarei depois o teu tambem.

Noites d'inverno... eu trabalhava e lia,  
Ouvindo a tua voz de quando em quando;  
Outros serões, que enlevo certo e brando  
Dum conversar tão cheio d'harmonia!

Como desejo a minha casa ideal!  
Em tudo á nossa velha casa, igual:  
Em interior d'amor, em ninho d'almas.

Minha mãe, minha mãe! oh! quem me déra  
Passar, viver depois horas tão calmas,  
Como aquelas que em nosso lar vivêra!

## De joelhos

Bemdito o ceu, o sol que iluminou  
O dia em que nasceste, ó meu amor!  
Bem dita a tua mãe! Bemdito o alvor  
De sonho que em tua alma despontou...

Bemdito o teu olhar — um astro em flor —  
Por ti, bem dita a luz que em mim brilhou,  
O fogo de poesia que abraçou  
A minha Vida inteira de esplendor.

Bemdito o nosso encontro de creanças;  
O doce abril a palpitar de esp'ranças,  
A primavera deste amor sem fim!...

Bem dita esta saudade, este sofrer!  
O idílio roxo, ideal, deste viver,  
E o bem celeste de te unir a mim!

## As violetas

Meus olhos viram hoje as violetas,  
Que tu me déste numa tarde fria.  
Murcharam e morreram tão discretas,  
Tão cheias de tristíssima poesia...

Ha muito tempo já que eu as não via  
Entre as cartas d'amor! — Nós os poetas  
Dissemos tudo: o que ninguém diria  
As coisas mais sagradas, mais secretas!

Levou-lhes o perfume o tempo breve,  
(Não ha nada que o tempo alfim não leve;  
Mocidade, alegrias... o que eu sei!)

Quando eu morrer, espalha, ó meu amor,  
Sobre o meu peito, onde gelou a dôr,  
As violetas roxas que eu amei!



## Ermo divino

Eis-me num ermo, de Passado cheio,  
Numa noite d'outono, á beira-mar...  
Ermo querido, eu vim em ti rezar  
A lembrança que trago no meu seio.

Lumes do ceu, ondas do mar, ouvi  
A voz do meu silencio religioso; —  
Dai-me ainda o Passado neste gozo  
De recordá-lo e de rezá-lo, aqui!

Ermo de amor! nocturno, de saudade,  
O doce irmão da minha soledade,  
Reza tambem esta lembrança d'Ela!

Somos dois ermos que a saudade anima;  
E que o perfume d'Ela enlaça e rima  
Subindo a Deus, na noite imensa e bela!



## Neblina

Tudo está triste, inexpressivo, frio,  
Na silenciosa nevoa que ora desce ;  
Da Vida assim obscura até parece  
Parado e morto o veio fugidio . . .

Lá dentro d'alma rezam as paisagens ;  
Nenhuma pomba eleva um vôo ao ceu ;  
Os pinheiros e as faias têm um veu  
Duma tristeza estranha nas ramagens.

Vejo pela janela o ar cinzento ;  
Nem cantam aves, nem murmura o vento ;  
Só oiço em mim o amor a recordar.

Fina e fria a neblina vem caindo ;  
Conforta me a lembrança do meu lar,  
E escrevo na vidraça um nome lindo !

## Imortaes recordações

Esses primeiros dias adorados  
Do nosso idilio d'alma, á luz cantante  
Da curta juventude radiante,  
Toda cheia de sonhos perfumados ;

Esse alegre viver de namorados,  
Sempre suave e sempre palpitante,  
Que por mais doce que o poeta o cante  
Tem dulçores supremos não cantados ;

Essas primeiras cartas carinhosas,  
Que são harpas d'amor harmoniosas,  
Vibrando dentro em nossos corações ;

Vivem-me na memoria comovida  
E quanto mais avança a minha vida  
Mais amo as imortaes recordações !

## Alma portuguesa

Sonho e soffro... sou quase triste ás vezes,  
Mas frieza não ha neste meu peito,  
E se não tenho um coração perfeito,  
Tenho esta alma de amor dos portugêses.

E ama-te a Natureza indefenida :  
A estrela d'alva em cada madrugada  
Beija de luz a tua doce estrada,  
Entre lirios e rosas, pela vida.

Tu és feliz ! tua beleza é châma,  
Que me incendeia os olhos e derrama  
Um diluvio de côr na minha arte !

Sem esperança clara eu te adorava ;  
Mas tu engrinaldaste a minha lava !  
Oh ! crê ! tu és feliz !... Eu sei amar-te.

## Uma carta

Na carta que mandaste, meu amor,  
Com folhas de crisântemos e de rosas,  
Tuas palavras eram olorosas,  
Porque eram vozes da tua alma em flor.

Que doces coisas vinhas recordar-me ;  
Que paginas crueis, encantadoras !  
A fonte conhecida, ás mesmas horas,  
Cantava solitaria o mesmo carne:

O outono já doirava os choupos finos ;  
Tu tinhas dó daqueles que na vida  
Sentem o outono em seus mortos destinos.

E vinhas adoçar-me esta saudade,  
Com a tua doçura enternecida  
E a esperança gentil da nossa idade !



## À varanda do poente

No alto duma serra o sol sangrento,  
Como um rubi precioso rebrilhava,  
E no beijo da tarde, rubro e lento  
Toda a paisagem languida beijava.

O pinheiral sombrio já rezava,  
E dum moinho rustico e cinzento,  
Dizendo uma canção sem fim, rodava  
A vela triste ao ritmo igual do vento.

Fugia a tarde côr de violeta...  
E na minha alma triste e irrequieta  
Ficava a dor dos sonhos por florir...

Na cinza esparsa pelo azul silente  
Quanta ilusão fanada, rescendente ;  
Quanta saudade da alvorada a rir !



## Recolhimento

Os ceus de bruma, os tristes ceus de outono!  
Crepusculos sanguineos, dolorosos...  
Penumbras pelos bosques silenciosos;  
A Natureza palida de sono.

É á morte, é á vida que abandono  
Os meus sonhos mais intimos e gozos?  
Que dias hão-de vir? Que misteriosos  
Clarões nas trevas fundas visiono?

Que tristeza ha na mocidade minha?  
É a vida, é a morte que caminha  
P'ra a minha alma parada, olhando o ceu?

Não! Será simplesmente o outono triste  
A dizer-me a elegia do que existe  
E a doce paz do dia que morreu!

## Sonho de morte

Num vale de penumbra portuguesa,  
Ao doce abrigo d'árvores mimosas,  
Meu corpo dormirá na Natureza,  
Numa campã de marmore e de rosas.

Na minha paz eterna de tristeza  
As tuas longas lagrimas formosas  
Hão-de cair — celeste unção de reza,  
Às horas do crepusculo, saudosas.

Noites sem fim dormindo, sonharei :  
Visões de amor, de luz, de poesia,  
Com meus fechados olhos, beijarei !

Vida e morte num sonho que extasia,  
Junto de Deus e a alma que adorei  
Num frémito divino d'harmonia !

## O teu segredo

Não sei se vives só constantemente  
E eternamente bela no meu sonho!  
O teu perfil é sempre o que eu suponho,  
E a tua alma é, o que a minha alma a sente.

Ideal figura, nunca estás ausente ;  
Palpitas na alvorada em que eu te sonho,  
E toda a vez que abraço e recomponho  
Os teus encantos, tenho-te presente !

Envolve-te uma auréola côr de rosa ;  
E' num fundo de ceu que sobressaes,  
Tu que és da terra a flor mais primorosa.

Tens a graça das curvas musicas,  
E o segredo de sêr a alma formosa,  
Que dia a dia me fascina mais !

## A gloria de viver

A primavera canta no meu sangue!  
Ri nos meus sonhos, dêles se engrinalda:  
Palpita a vida em campos de esmeralda  
Ou languido desmaie o outono exangue.

Uma hora triste de sofrer que passe  
E no jardim um lirio incline e quebre  
Hora que morre!... — ha mais vida e mais febre  
E mais flores que o vento não quebrasse...

N'alma e no sangue a mocidade altiva!  
E' maio em ceu divino e terra viva;  
Todo um cantico a Deus e ao sol risonho.

Esta é a gloria de viver que eu sinto.  
Amor, quando o teu fogo eu veja extinto  
Que seja tambem morto este meu sonho...



## Ar doirado

— Por sobre a Vida o ar é penumbroso,  
Nos pantanos ha bruma e rosas tristes;  
O Poeta que sonhas, como existes  
Neste ambiente frio e doloroso? —

Pergunta-me a minh'alma assim, ás vezes.  
E eu respondo — iludindo a minha magua —  
Eu crio sobre a terra e sobre a agua  
Um ar doirado e doce aos portugueses.

E vejo o ceu de côr's imaginadas!  
As rosas enamoram-se dos lagos...  
As fontes claras cantam, despertadas!

Ha olhos fitos na divina altura;  
Palpitam asas brandas, como afagos,  
No ar de sonho que este amor procura!

## Eterno fogo

Dúvida de encontrar amor igual,  
Aquêles que encontraste no meu peito!  
Por sêr sincero e bom ele é perfeito;  
Por sêr ardente ele é de Portugal!

Sob outros ceus de bruma ou de coral,  
Verias já o sonho teu desfeito;  
Sob este azul divino o ar é feito  
Dum halito d'amor, eterno e ideal.

Dúvida de encontrar outra ventura!  
O oiro que derrama o sol no ceu  
Não é mais belo que este amor só teu!

E vive a tua doce formosura,  
Para que eu sinta nesta vida triste  
Que a luz rebrilha e a alegria existe!

## Transfiguração

Sonhei que o grande Deus transfigurava  
Meu corpo de homem em brutal rochedo;  
E fui pedra, guardando o meu segredo,  
Onde batia a onda obscura e brava.

E fui ruína solitária e escrava  
Do mar dominador e altivo! Cedo  
Da minha vida só eu vi a medo  
Que uma areia perdida flutuava...

Sonhei depois um sonho extraordinário:  
Num colorido ceu — ideal cenário —  
Deus transmudava em luz minha alma ardente!

E fui vencendo as trevas, a sonhar,  
Floria a areia e aureolava o mar,  
E vi que a alma é força transcendente!

## Visões

Por teu olhar eu visiono soes,  
Constelações... tudo o que vive e brilha,  
O ceu em chama — a eterna maravilha —  
E o luar que alucina os rouxinoes.

Por tua voz eu oiço melodias:  
O mar nas praias doces a trinar;  
Canções das fontes, beijos pelo ar  
Das pombas claras, como os lindos dias.

Mas p'la tua alma eleita, de ternura,  
Eu vejo Deus, eu sinto a luz da altura  
A abrir em rosas pelo meu caminho...

Eu sinto a paz da minha vida inteira,  
A singela ventura verdadeira,  
Que inda é tão rara, havendo tanto ninho!



## O frio

Quando faz frio, ó meu doirado amor,  
Um lume bom em nossas casas temos.  
Mas, esses pobresinhos que nós vemos  
Pelas estradas... pálidos... que horror!

O nosso lume assim nem tem calor!  
Nem dentro d'alma bem nos aquecemos;  
São filhos nossos — nós que inda os não temos  
As creanças transidas pela dôr.

Que nevoas tristes, outonaes, dormentes...  
Ó' meu amor, em tuas mãos de luz  
Prende p'ra sempre as minhas mãos algentes.

E reza na voz doce em que tu falas  
Por esses pobresinhos, a Jesus,  
Que êle as tuas palavras ha-de amá-las!

## O ceu ideal

Ah! não! o ceu ideal nunca se atinge!...  
E eu vou crear um novo ceu mais perto;  
Nem é possível penetrar decerto  
O misterio fechado duma esfinge.

Só a vida doirada que me cinge  
Me dá o sonho desse ceu aberto!  
A visão, a ilusão do fogo incerto,  
Que a luz do amor em mim sorri e finge.

Não é possível ir alem do sonho,  
Ó coração descança, eu já nem sonho!  
Abraço a vida, adoro este limite.

E conto os dias bons, pelo prazer  
Duns finos olhos de mulher, revêr,  
Onde os meus olhos voluptuosos fite.

## Cantico á minha Arte

Alado pensamento que me douira  
De purissima chama o pensamento ;  
Meu sonho de Beleza e de tormento ;  
Meu gosto d'alma, minha noute e aurora ;

Minha lúcida estrela encantadora,  
Distancia luminosa, onde arde o vento,  
Onde o meu vôo alucinado tento...  
Patria de orgulho e azul, libertadora.

Amplidão infinita da minha alma,  
Onde eu ascendo, quando o Amor me invade  
E uma harmonia magica me acalma !

Meu grande sonho d'arte — ó Ilusão ! —  
Mas unica divina ansiedade,  
Unica eterna luz do coração !

## O maior amor

Não foste só o meu primeiro encanto  
O sorriso de sol do meu passado !  
Foste d'outros perfis amados tanto  
O unico perfil que foi amado !

Tu só ficaste e ficas dentro em mim.  
(O tempo desfolhou velhas lembranças...)  
Tu só, passeias pelo meu jardim,  
As minhas rosas pondo em tuas tranças.

Imortalmente tu és o meu ceu !  
A divina manhã que alvoreceu  
Da bruma de saudades, quase fria...

E nem a morte o teu clarão apaga !  
Que para alem da vida já me alaga  
A claridade eterna do teu dia...



POEMAS



## A voz do Poeta

Pela divina luz florindo o nada,  
Por tudo que já foi um dia belo :  
— Astro ou mulher ou rosea madrugada —

Pela graça da terra e do universo,  
Eu canto a Vida e ergo a Vida a Deus,  
A resplender na curva do meu verso !

E pelo mar e a sua voz altiva,  
Berço da terra e seio da criação :  
Alma fecunda, eterna, primitiva !

Pela floresta verde, alta e antiga,  
Primeira catedral religiosa,  
Que inspira os homens e a ave implume abriga ;

Pela manhã d'idílica alegria ;  
Pelo sorriso nupcial do sol  
Na hora d'ouro ardente do meio-dia ;

Pela tristeza linda duma fonte  
Na doçura da tarde, quando ao longe  
Tem lágrimas de sangue o horizonte...

Pela vida do ninho e o doce geito  
Da mãe que embala um filho ternamente,  
E trá-lo como um lírio sobre o peito;

Pela beleza, amanhecendo e branda,  
Duma mulher de virginal olhar,  
Que o nosso sonho vê e o olhar demanda...

Pelo clarão da alma dos Poetas,  
Pela harmonia ideal da sua voz,  
Cantando os astros claros e as violetas.

Cantando a Natureza e o coração :  
Dominadores, príncipes do tempo  
Eternizando a glória e a multidão !

E pela dor do espírito, suprema,  
E a dor fatal sem fim das desventuras,  
Que verte luz e treva num poema.



E pelo meu amor, voando aos ceus :  
Lume de mocidade e luz eterea,  
Que a terra aquece e que ilumina Deus !

Pelo encanto duns dias divinaes  
Engrinaldados de ternura e sol,  
Que passam breve e que não voltam mais...

Por quanto é grande e lindo e ao alto abranjo  
Eu canto a Vida e a Vida em ti adoro  
Olhando o teu perfil eterno, d'anjo !

## Musica evocadora

Sons dum piano ao longe... Oh ! que saudade  
De ouvir o teu !  
A musica é da terra e é do ceu  
Se tu a dizes, cheia de verdade !

Ó noites encantadas d'harmonia :  
A tua voz, o teu piano, o teu olhar !  
O Mondego de fresca melodia,  
Os rouxinoes nos ninhos, ao luar !...

Meu amor, que saudade, que saudade !  
Como nos fogem leves, como aves,  
E leves como sonhos  
Horas suaves,  
Instantes d'alma, tristes e risonhos !  
E viver é lembrar a vida morta  
Sonhar doirada a porta  
Da vida por viver !  
E nesta ansiedade dolorosa  
Dum intimo lutar  
Feito de esp'rança e feito de sofrer  
Voluptuosamente o coração matar !  
Sons dum piano, sons longinquos, vagos

Ó sons evocadores,  
Tão doces como afagos  
Como suspiros duma fonte, á noite...  
Por tua arte, ó meu amor,  
Por tua arte embaladora e triste  
Em altos sonhos embalei meu sêr  
Cantei o seu poder,  
Divinizei a sua acção!  
Amor, por ti  
A Natureza ritmica ouvi  
E cada coisa muda tinha o seu poema!  
Ó musica suprema  
A palpitar nos ceus  
A palpitar nas almas,  
Oh! como tu acalmas  
Oh! como tu elevas  
O espirito p'ra Deus!  
Por ti amor  
Fui entendendo a voz das aguas e da flor!  
Os murmurios do bosque enternecido  
Quando noivam em maio os passarinhos  
E o sol divino lança a bençãam d'ouro  
Sobre a alegria idilica dos ninhos.  
As grandes sinfonias do oceano  
A voz do tempo morto e imortal  
A voz divina do passado,  
A voz cantando  
A voz rezando  
O verso de Camões, a alma de Portugal!

Amor, por ti  
Em sentimento, em pensamento  
Na asa dum vento  
Espiritual subi!  
E quando um som dolente  
Evocadoramente  
No peito meu desmaia,  
Como sobre uma praia  
A vaga perfumada  
Que vem de longe em gracioso arfar  
De espuma engrinaldada,  
Cantando uma canção rimada em alto mar,  
Eu oiço a voz da Vida a seduzir-me  
E a tua voz distante a encantar-me  
Como divina ave que acordasse,  
E que rezasse  
No meu jardim de sonho o mais divino carne!



## Adoração

O céu é lindo e alto! Contemplai-o  
Nestas noites balsâmicas de maio,  
Quando a lua serena e virginal  
Ouvindo os rouxinoes do laranjal  
Sonha em noivados líricos de amor...  
Oh! sobre a terra escura que esplendor!  
Sobre o homem pequeno, que grandeza!  
Que docel infinito de beleza  
Sobre a nossa miseria e o nosso nada.

A lua scintilante e namorada  
Sonha! E os seus alvos sonhos são luar;  
Luar que beija o céu, a terra e o mar,  
Luar de amor, luar de poesia,  
Luz mais espiritual que a luz do dia  
E é sombra dela apenas mais divina,  
Que nos encanta e ameiga e nos domina.

Refulgem como pérolas os astros:  
Fito os olhos no céu e ao alto alastro-os  
Na imensidão azul da noite morna,  
Que o seio penumbroso assim adorna.

O ceu é lindo ! A lua scintilante  
Os astros prateados ! Que sou ante  
Este fulgor, esta grandeza eterea ?  
Um pouco d'alma p̄reso na materia ;  
Um atomo de luz na escuridade,  
No turbilhão fatal da eternidade...

Ó alma não desejes nada ! Adora !  
Adora a Natureza desde a aurora  
Ao levantar da lua sobre os montes ;  
Não interrogues nunca os horizontes,  
Pede-lhe só beleza e sonho e vago  
Quando, ao longe perdido o olhar, divago  
Nos campos vastos ou á beira-mar  
Por sob o encanto calmo do luar  
E o sorriso longinquo das estrelas ;  
Porque um misterio envolve as coisas belas  
E aumenta-lhes a gloria da Beleza.

Alma serena, adora a Natureza !

## Sol de primavera

Cheio de primavera o coração,  
Sinto desejos de cantar e amar!  
Rebrilha mais a minha vida clara,  
Rescende mais o peito meu sonhando,  
Como um jardim de rosas a odorar!

E o ceu é brando;  
Tenras as folhas, doce o seu murmurio  
Nas tardes azuladas transparentes...  
O carinhoso ar no berço embala  
As criações nascentes!

Se toda a vez que o sol tão vivo e lindo  
Da gloriosa altura  
Num gargalhar de riso d'oiro, infindo  
Contempla a terra engrinaldada e pura  
Pudesse entrar em cada peito a rir  
E vêr florir  
Os sonhos  
Mais risonhos!  
Tu, louca primavera, ó juventude  
Do ceu, do ar, do ano, como um Poeta disse

Terias tu a magica virtude  
De remoçar os corações,  
Mas já ninguém se ilude!  
Tu passas... e a velhice  
Fatal e fria avança e colhe as ilusões...

Meu peito agora é todo  
Como um jardim de rosas a odorar  
E num ardente ritmo  
O sangue sobe aos meus rosaes,  
Seiva d'aurora a palpitar.

Meus sonhos do futuro  
O Estio d'oiro ha-de coroá-los;  
Eu sinto a Primavera docemente  
A embalá-los.

.....

Oh! como é linda e rosea a luz do dia  
Na luz do lindo ceu de Portugal;  
Acordam cedo os montes e as florestas  
Para sorrir ao sol tão matinal!



Ó sol da primavera  
Fonte da vida e da beleza  
A ti, o canto da minha alma ardente!

Eu te saúdo apaixonadamente  
Ao alto da sagrada Natureza!

## Poema de duas almas

Agora que os meus olhos de alegria,  
Olhando os ceus,  
Palpitam luz divina de Poesia  
E vêem Deus!  
Agora que a minha alma sobe á altura  
Em asas belas,  
E sobre a terra adormecida e escura  
Passa entre estrelas;  
O meu amor recorda o teu perfil,  
E numa apoteose enamorada  
Os sonhos meus, como rosaes de abril,  
Ungem d'aroma e vida a tua estrada...

E vejo-te creança!  
A rir, ingenua, numa manhã d'oiro;  
O peito branco a palpitar d'esp'rança;  
Lindo ao vento a ondular o teu cabelo loiro.

Formosa, sim! e duma formosura  
Que nenhum verso alinda  
A graça duma flor eterea e linda  
Num corpo adolescente de candura.

Oh! que imenso clarão no meu olhar  
No ceu doirado e no horizonte em roda,  
Quando esse teu olhar me viu e eu vi  
Nesta minha alma entrar  
Essa tua alma toda!

Doce idílio! primeiras horas claras;  
Um ceu de primavera espiritual...  
Que inefável loucura de creanças,  
Gritando para a luz um grande amor ideal!

E no caminho, cedo  
O sol anoiteceu...  
E só por entre os ramos do arvoredor  
No bosque da tristeza e da saudade  
Às horas de silencio e de misterio  
Ante estes olhos meus  
Tua lembrança clara, como a lua,  
Subia a rir, na escuridão dos ceus.  
O teu perfil amado  
Visionado,  
Era o poema todo d'harmonia  
E de beleza  
Que a minha voz dizia  
Ao ritmo do desejo e da tristeza!  
Nenhum continha perfeição equal;  
Meus olhos nunca viram, amorosos,

Nenhum perfil tão puro e musical!  
E o coração sofria desse encanto imenso;  
E a minha vida fôra uma tortura,  
Entre o sonho de vêr-te no meu sonho  
E a dor do tempo me perder p'ra ti;  
Entre o ceu de chimera a que eu subi  
Alto e ardente  
E um fundo mar — a Vida — que eu mirava  
O olhar em chama, o coração em lava,  
Alucinadamente!  
Entre esta aspiração de vida luminosa,  
E nobre e bela e forte e voluptuosa,  
A amar o sol e a ascender p'ra Deus;  
E esta magua enervante de incerteza  
Em volta da minha alma presa,  
Como uma nevoa a acinzentar os ceus!  
Era um outono em minha primavera,  
Era a doçura triste do que espera  
E de esperança só não se contenta;  
Um cançado viver que se suporta  
Porque ao longe uma luz existe e brilha  
E em nosso ser, por uma maravilha,  
A vida sofre a morte e não é morta!  
E quantas vezes a paisagem clara  
Chamava a novo idílio os nossos olhos;  
As rosas perfumavam os caminhos,  
E no ar nupcial a musica dos ninhos  
Doce vinha vibrando  
Talvez ao encontro brando  
Da nossa alegre voz!



Mas quantas outras vezes, pelo inverno,  
Folhas caídas,  
Hastes partidas,  
Ninhos desfeitos,  
Tudo lembrava,  
Tudo dizia,  
Que a vida era esse sonho dum só dia  
Que inda mal se doirava d'alvorada  
E já escurecia!  
E o coração cansava mais . .  
Não tinha já a força da Ilusão,  
E na bruma do tempo e da distancia  
Floria apenas o teu riso d'oiro,  
Como a alegria duma antiga flor  
Do meu jardim d'infância.

Ah! quando em meio dum lembrado estio  
De purpura sem par,  
Meus olhos em teus olhos remoçaram  
Nesta gloria d'amor de inda te amar,  
E em ternura fundi meu coração,  
Novamente vi Deus em pleno ceu  
E um dia eterno e doce me alvor'ceu.

Meu amor! Meu amor!  
Que verso belo agora me daria  
Toda a beleza clara desse idílio  
A inédita harmonia

Do nosso olhar falando  
Vibrando em nossas almas,  
Num palpitar de tempo leve e brando!...

Meu amor! Meu amor!  
Como todo esse estio teve rosas,  
E liricas grinaldas perfumadas  
D'horas formosas.  
Depois o outono foi duma tristeza doce,  
Tal como se já fosse  
Fanado o nosso amor...  
Mas sobre o inverno de melancolia  
E de saudade,  
A nossa mocidade  
Gritou um novo dia,  
Creando em nós a primavera em flor!

E sempre que eu mirava a Vida;  
— Agua tranquila e misterioso abismo —  
Ao clarão do meu sonho colorido,  
A agua tinha lume e pedrarias,  
E esse misterio fundo e ardente  
Em que por vezes scismo,  
Religiosamente!

Meu amor! Meu amor!  
Não diz o verso  
O sonho harmonioso

Em que me sinto imerso !  
Ninguém te vê, ninguém me vê a mim  
Na onda de esplendor  
Que ri no meu jardim...

Ah! ninguém ouve as nossas duas almas  
E ninguém sente o nosso grande enlevo  
E entende a nossa aspiração suprema  
Nos perfumados sons deste poema,  
Que ao teu olhar de luz enternecido elevo,  
Como doirada flor de sentimento  
Dum intimo perfume tão subtil,  
Que a terra désse ao vento  
E o vento erguesse logo ao ceu d'abril.





TROVAS



## 1

Deus fez os momentos bons ;  
Mas Satan, p'ra se vingar,  
Aos bons momentos deu asas  
Para poderem voar...

## 2

Eu juntei as alegrias  
Às tristezas e somei ;  
Mas contei tanta tristeza  
Que inda mais triste fiquei.

## 3

És leve, leve de mais,  
Barquinha das ilusões :  
A Vida lembra-me ás vezes  
Um mar chinês de tufões.

## 4

Como foi que Deus creou  
Tanta flor e tanto riso,  
E este mundo se afastou  
Tão cedo do paraíso ?!

## 5

Antes tarde do que nunca :  
Antes tarde esta ventura,  
Que nos seja sempre a Vida  
Uma eterna noute escura.

## 6

Pinheiraes que a podeis vêr,  
Pinheiraes d'aqui defronte,  
Dizei-me se ela me vê  
Para alem deste horizonte...

## 7

Os ramos dos arvoredos  
Só lá ao alto se enlaçam ;  
As nossas almas amantes  
Só a distancia se abraçam.

## 8

Ó ceu cinzento, não venhas  
Nublar a minha alegria !  
Ha tantos dias que vivo  
Para viver este dia !



## 9

Agora que os nossos olhos  
Seguidamente se falam,  
É quando as cartas se fecham,  
E os nossos labios se calam.

## 10

Não desprezes um sorriso  
Que tem mais de bom que mau;  
Escada que leve ao ceu  
Tem na terra algum degrau...

## 11

Uma noite, á despedida,  
À janela soluçaste,  
Como açucena dorida  
Que se partisse na haste.

## 12

Nos dias tristes, sombrios,  
Tão cheios dum mal secreto,  
Vejo sol, sinto alegria,  
No mundo do nosso affecto.

13

Todo o pranto e todo o riso .  
Nos meus olhos se apresenta :  
São duas fontes irmãs,  
Que o meu amor alimenta.

14

Horas passadas são ondas  
Que regressam, uma a uma,  
E trazem recordações  
Em cada beijo d'espuma.

15

Se Deus me dêsse a escolher  
No ceu a estrela mais linda,  
Eu lembraria ao Senhor  
Que estavas na terra ainda !

16

Coração, não fales alto  
Na lingua clara do olhar ;  
Quantas coisas que tu dizes  
E tu devias calar.

17

Lindos olhos de sossêgo :  
Dois grandes lagos de luz !  
Fitai-vos só num poeta ;  
Fitai-vos só em Jesus !

18

Nem te vejo, nem te escuto ;  
Sinto por essa razão  
Que mais te vejo e te escuto  
Dentro do meu coração.

19

Tu ficaste em mim pensando  
— Ao longe a noute caía —  
Já nesse adeus memorando  
Nos tinha morrido o dia !

20

E' a vida uma jornada  
Para a morte, que é o fim . . .  
Todos temos que partir ;  
Meu amor, não vás sem mim !

## 21

Ó rio corre de manso,  
O mar é, ao longe, certo ;  
O vida corre de manso  
A morte fica bem perto.

## 22

Simpatia — quase amor,  
Manhã — quase meio-dia,  
O amor é clarão ardente ;  
Um alvor a simpatia !

## 23

Agua, que vives cantando,  
Talvez tenhas funda magua !  
O Poeta quando canta  
Tem os olhos rasos d'agua.

## 24

Noite estrelada de Junho !  
— Linda noite p'ra sonhar —  
Sonha a lua com o sol,  
Sonho eu com o teu olhar.



25

O homem põe e Deus dispõe  
— Que destino dará Deus  
Aos altos sonhos que eu pôs  
Alcandorados nos ceus? —

26

Eu não sei ir, sem ficar...  
Que me fica a alma toda  
Nos teus sorrisos, em ti,  
E em tudo que vês em roda.

27

Nenhuma lira vibrando  
De doce em doce canção,  
Pode dizer o poema  
Profundo dum coração!

28

Falas das fontes fluindo,  
Falas das aves nos ramos,  
Só vós sabeis traduzir  
O verbo que nos sonhâmos.

29

Se vaes para longe eu vou  
Dentro do teu pensamento;  
Feliz de mim que saudoso  
Desta saudade me ausento.

30

Mais nos custa mal fazer  
Que bem fazer! — ó rifão,  
Quem um dia te inventou  
Tinha um lindo coração.

31

Eu supûs que te adorava  
Pela beleza que tens;  
Feia, se o fôras, te amava!  
— Amor, donde é que tu vens? —

32

Tão pequeno o coração,  
E tão grande o affecto meu!  
Num pedacinho de argila  
Vejo caber todo o ceu!

## 33

«Por te amar deixei a Deus»  
Ouviste cantar ao povo,  
E disseste-me em seguida  
— Dá-me este amor um ceu novo!

## 34

Teu olhar é transparente,  
Pôs-me a vêr para o teu peito,  
E vi dentro um coração  
Divinamente perfeito.

## 35

No caminho desta vida  
Numa selva me encontrei;  
Para vêr a luz do dia  
Por teu olhar me guiei.

## 36

Sobre o teu peito de pomba  
A rosa que se fanou,  
Deixa talvez o perfume  
Do dia que já passou...

## 37

Abril acorda pelo ar...  
Toda a paisagem se alegra!  
Vou partir, ó meu amor,  
Dá-me abril esta hora negra.

## 38

Namorados, escutai  
A Natureza, que diz  
Que só é contente aquêlê  
Que se imagina feliz!

## 39

Coração, que largo mar!  
A quanta rocha vaes têr...  
Sobre a mesma praia mansa  
Vá o meu sempre bater.

## 40

Deus que fez a tua boca,  
Como fez o cravo e a rosa,  
Deu-lhe o perfume das flores,  
Deu-lhe a palavra olorosa.



41

Ó passarinhos cantai!  
É a alvorada que passa  
Nesta divina mulher  
C'roada d'oiro e de graça.

42

As andorinhas voltaram  
E voltou a Primavera;  
Só tu não voltas ainda,  
E estou sempre á tua espera...

43

Oh! quem pudesse contar  
Com o dia d'amanhã!  
Quanta vez é triste e negra  
A propria luz da manhã.

44

Olhos que não vêem, diz-se  
É coração que não sente;  
Eu direi sempre comigo  
Que este rifão é que mente!

45

— Ha doçura no chorar,  
Como um poeta já disse;  
Sim, amor! mas se tu choras  
É como se alguém me f'risse.

46

Todos os dias te vejo  
Na minha memoria exacta,  
E deixo dias de vida  
Nesta saudade que mata!

47

Redondilha, redondilha,  
Minha pequena canção,  
Dentro de ti cabe um mundo,  
És tal qual o coração!

48

À luz da lua acabei  
Estas cantigas sem arte;  
Outros melhor trovariam,  
Ninguem melhor sabe amar-te.

F I M





## Dálias

Cantei o nosso amor, purpurea flama  
De almas feitas de igual aspiração!  
Foi mais do que eu poeta o coração  
E a poesia que o teu olhar derrama.

Vivi intensamente dentro em mim!

...Para agora os teus dedos de princesa  
Só colherem, sem chama e sem beleza,  
As dálias d'ilusão do meu jardim...

Outono de 1913.



# Indice

Dedicatória .....	5
-------------------	---

## — Sonetos de amor —

Aspiração .....	9
Amorosa .....	10
Alegria .....	11
Clarão .....	12
Vida suave .....	13
Noite de maio .....	14
Despedida .....	15
Em pleno azul .....	16
A floresta .....	17
Culto da casa .....	18
De joelhos .....	19
As violetas .....	20
Ermo divino .....	21
Nebolina .....	22
Imortaes recordações .....	23
Alma portuguesa .....	24
Uma carta .....	25
A varanda do poente .....	26
Recolhimento .....	27
Sonho de morte .....	28
O teu segredo .....	29
A gloria de viver .....	30
Ar doirado .....	31
Eterno fogo .....	32
Transfiguração .....	33
Visões .....	34
O frio .....	35

O ceu ideal.....	36
Cantico á minha Arte.....	37
O maior amor .....	38

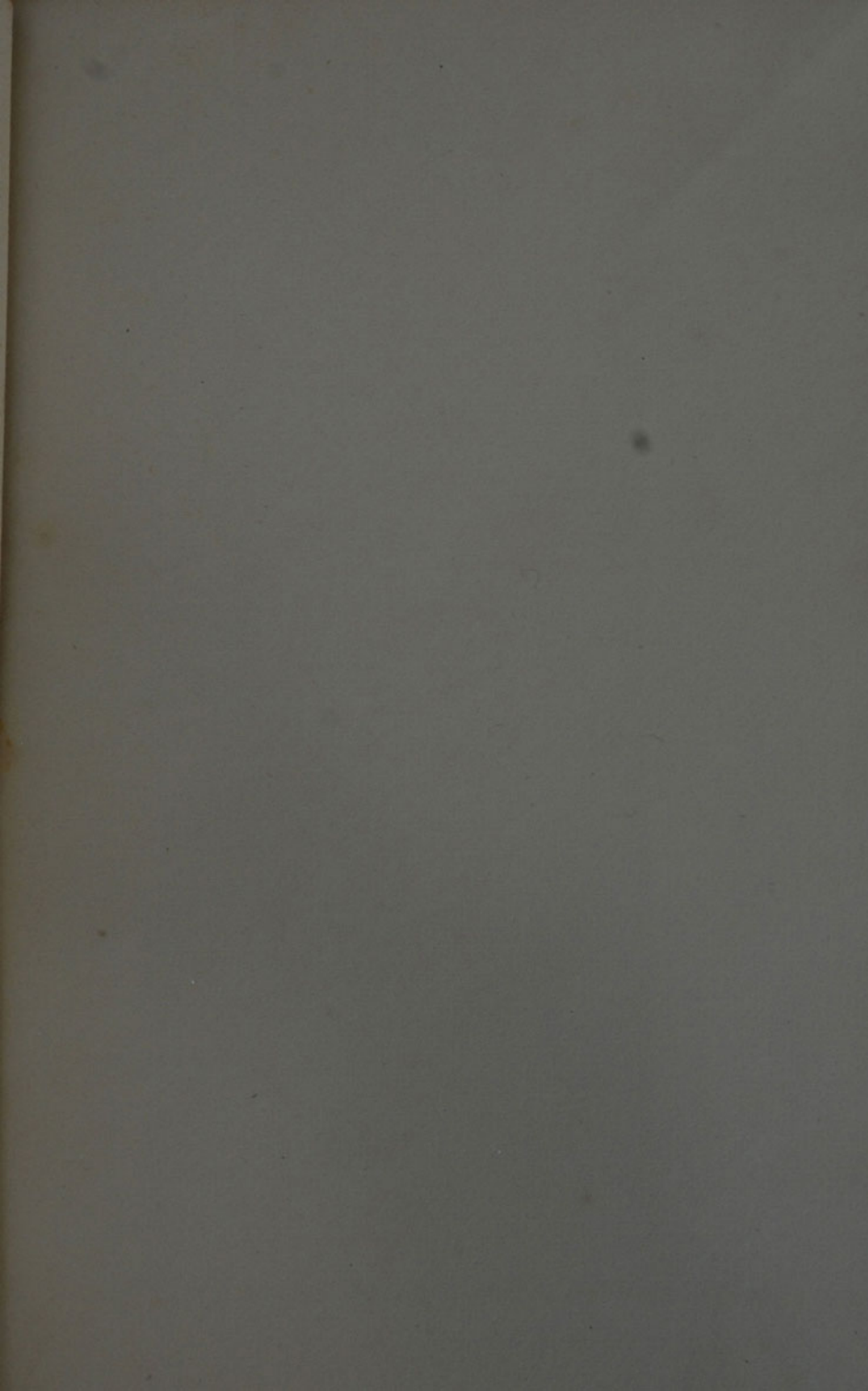
— Poemas —

A voz do Poeta.....	41
Musica evocadora.....	44
Adoração.....	47
Sol de primavera....	49
Poema de duas Almas.....	52

— Trovas —

— Fim —

Dálias.....	75
-------------	----









DO AUTOR

LIVRO DE TROVAS—(Fóra do mercado)—1912

HORAS CLARAS—(Idem)—1912

INOS Á VIDA E AO AMOR—1913